

# *Uma ética também para a economia*

CÉLIO DE CASTRO

Os jovens irreverentes e rebeldes que tomaram as ruas do Brasil com sua alegria e suas vestes negras, para resgatar a dignidade e a honra do povo brasileiro, que se preparem: eles podem estar sendo traidos de novo.

Justificando sua adesão aos rebeldes de Garibaldi, que lutavam pela unificação da Itália, o jovem aristocrata Tancredi, do romance **O Leopardo**, de Tommaso de Lampe-dusa, afirmava: "As coisas precisam mudar para continuar do jeito que estão."

Os jovens, os trabalhadores, as donas de casa, a classe média, que saíram às ruas, exigem um país passado a limpo. Só que os novos e os velhos — e estes são numerosos — Tancredis da política acham que teremos um novo país apenas com a sumária expulsão do presidente da República pela indignação ética da Nação.

Para eles, basta punir uma quadrilha de corruptos e assaltantes. Depois, tudo continuará como antes.

No entanto, a bandeira da ética e da dignidade levantada pelas ruas não termina no combate à corrupção. Temos também a bandeira do restabelecimento da ética e da dignidade na economia e nas relações sociais.

As bandeiras e as vestes pretas que tomaram as ruas não foram apenas um cartão vermelho para um presidente da República que chefiava



uma quadrilha. O negro das ruas do Brasil também deu um cartão vermelho à recessão, à inflação, ao desemprego, à destruição irracional do Estado, ao sucatamento da educação, da saúde, da pesquisa científica e tecnológica, à privatização com moedas podres, às mamatas dos usineiros e às maracutaias dos empréstimos — vencidos e nunca cobrados — do Branco do Brasil e da Caixa Econômica Federal e ao genocídio de menores.

De nada adiantará trocar o presidente da República pelo vice se a política econômica e social do novo governo continuar a mesma.

A ética na economia não pode conviver com salários humilhantes, a fome, a miséria, a malária, a cólera, a mortalidade infantil, as filas nos hospitais públicos, o abandono dos aposentados, o sucatamento do parque industrial, as favelas, a falta de saneamento e moradia, a migração de milhares de brasileiros para o Exterior em busca do sonho de uma vida decente, a proletarização da classe média e as desigualdades regionais.

Se o futuro presidente da República quiser uma reconciliação real com as ruas, uma reconciliação do Estado com a Nação, deverá estender a ética à economia.

Essa ética passa por pão, casa, trabalho, educação, saúde e segurança para todos os brasileiros.

Uma reforma agrária radical é fundamental. Essa reforma não é mais apenas uma bandeira de posseiros, trabalhadores rurais ou sem-terra. Ela é vital para o desenvolvimento harmônico e integrado das grandes e médias cidades do País.

Trabalho para todos no campo significa

alimentos mais baratos, o fim das migrações para as cidades, da proliferação de favelas, dos menores abandonados e da violência nos centros urbanos.

As dívidas externa e interna deverão ser renegociadas. É um escárnio o governo destinar 600 de cada mil cruzeiros — que ainda consegue arrecadar — para o pagamento dessas duas dívidas. O capital não pode mais estar voltado para a especulação financeira. Ele deve existir apenas para promover o desenvolvimento e a justiça social.

A reforma do Estado deve começar pela sua desprivatização. O Estado tem de ser público e estar sob o controle de toda a sociedade. Essa reforma também passa pelos seguintes pontos: onde o Estado deve continuar, de onde ele pode ou deve sair, onde ele nunca deveria ter entrado e onde ainda deve entrar.

Se nada disso for feito, o futuro presidente da República governará sob o signo de uma Aliança Democrática, maquiada, mas cancerosa — cheia de promessas e sem nenhum compromisso —, que chegou ao Palácio do Planalto em 1985.

E tudo continuou como estava.

A recessão nunca levou ao desenvolvimento e à justiça social.

Está na hora de os brasileiros decidirem. Ou seremos uma potência econômica e social no limiar do Terceiro Milênio, ou, então, não passaremos de um imenso sítio produtor de banana d'água.

■ Célio de Castro é deputado federal e líder do Partido Socialista Brasileiro na Câmara